



a kora dos griots

Os *jeliya* ou *griots* (em especial na Gâmbia e Senegal - tradições Bambara, Senufo e Mali que dialogam com as tradições Bantu e Dahomey), sempre procuram uma *árvore* para, aos seus pés ou na sua copa, cantar. Sabem bem que a *árvore* é uma mãe, uma amante e sábia que lhes reforça o cantar.

Um de seus principais instrumentos é a *kora* - ancestral da harpa ocidental ou da lira grega, possui 21 cordas feitas com linha de pesca e utiliza uma grande *cabaça* como caixa de ressonância, cuja forma se assemelha à barriga de uma mulher grávida. Pode ter um ou dois braços onde as cordas são estiradas e afinadas (com estrutura semelhante ao nosso *berimbau*, embora, no caso do *berimbau*, a *cabaça* seja bem menor).

Um mito nos diz da origem da *kora*: um caçador e seu cão procuravam algo para comer no meio da floresta quando se deparam com uma grande *árvore*. Forte, alta e de tronco muito largo. E ao pé da *árvore* estava recostado um estranho instrumento. Tinha uma grande *cabaça* com várias cordas estiradas sobre ela e de onde saía uma doce melodia que lhes prenderam a atenção.

O caçador, com receio, vai se aproximando do estranho instrumento para ouvir-lhe melhor os sons quando se aproxima um velho espírito disfarçado em homem. O caçador lhe pergunta:

- “*Bom dia nobre senhor! Acaso sabes de quem é este estranho instrumento? Acaso sabes o que é?*”

O espírito disfarçado de homem lhe responde com naturalidade:

- “*Bom dia caçador! Sim sei... é uma kora e é minha! Queres ver como se toca a kora?*”

Entusiasmado, o caçador concorda e então, o estranho espírito disfarçado de homem tocou a *kora* com muita delicadeza e seu som penetrou no coração do jovem caçador que foi aprendendo como tocar aquele belo instrumento. Ao final da tarde, já tendo experimentado como tocar a *kora*, o espírito disfarçado de homem levantou-se e disse ao caçador:

- “*Leve para casa, toque-a e eu te mostrarei muito mais!*”.

Mas, logo em seguida colocou uma condição para que o estranho homem seguisse lhe ensinando (o caçador não sabia se tratar de um espírito): ele deveria tocar durante o dia para a sua aldeia, mas, à noite ele seria visitado por um espírito em seus sonhos.

O caçador voltou à aldeia e tocou para a sua gente que ficou fascinada com a beleza das melodias que cantavam as façanhas dos ancestrais numa “*linguagem cheia de imagens e flores*”. Sempre que chegavam visitantes e estrangeiros para conhecer o lugarejo, o cantor (que já não caçava mais...) entoava suas canções com o magnífico instrumento.

O caçador não se esquecia do homem que encontrara no meio do caminho (ele não sabia que se tratava de um espírito) e à noite, em seus sonhos mais profundos, o homem lhe mostrava lugares nunca vistos, falava com os ancestrais que lhe contavam muitas histórias, aprendia a compor novas e velhas melodias e aprendia a construir outras *kora*.

Quando, numa certa noite, o estranho homem contou-lhe que, na origem dos dias, o espírito das coisas fez-se homem e se pôs a falar numa linguagem muito estranha, “*cheia de imagens e de flores*”. As pessoas da aldeia daquele homem não compreenderam aquela linguagem estranha e, considerado como louco, foi atirado ao mar. Foi, então que, um peixe devorou o homem.

Mais tarde, um jovem pescador conseguiu pescar aquele peixe que havido devorado o homem. Assou-o e o comeu satisfeito. Mas, com o passar do tempo o jovem pescador começou a falar numa linguagem misteriosa que ninguém, em sua vila, compreendia. As pessoas o apedrejaram e foi enterrado bem fundo na terra.

Com o passar dos anos, o vento que vinha do deserto foi descobrindo a cova em que o pescador foi enterrado e alguns restos de seu corpo foram parar no cuscuz (“*kous-kous*”) de um caçador. Logo em seguida, aquele caçador desavisado começou a narrar coisas desconhecidas de sua tribo, sem saber de onde vinham aquelas palavras estranhas cheias de imagens e flores de velhos tempos. Sua tribo, por achar perigoso o comportamento estranho daquele caçador, o exterminou reduzindo a pó o seu corpo e, sem perceber o erro, lançou o pó ao vento.

Foi quando um homem que tocava sua *kora* na floresta, afinando as cordas sobre a maravilhosa cabaça e extraindo as mais belas harmonias com seu instrumento, foi surpreendido por uma rajada empoeirada de vento e respirou os pequenos grãos de poeira que sobraram do corpo do caçador. Em seguida, o homem começou a cantar e a se acompanhar com a *kora*; e as canções e histórias, que saíam de seus lábios, cheias de imagens e flores, fizeram com que todos de sua aldeia, que o ouvissem, se pusessem a chorar: alguns de tristeza, outros de alegria, outros com intensa saudade. E todos, sem saber, ao certo, a razão disso. Por isso, deixaram-no viver. Pois é dessa forma que nasceu o *griot*.

Assim, o *jeliya* ou *griot* pode criar e, ao mesmo tempo, ser fiel à tradição. Grávido e orgulhoso de sua ancestralidade aprende na noite de seu espírito, dedilha memórias e canta nascentes.

*Mito bambara adaptado por Marcos Ferreira Santos
("linguagem de imagens e flores" é citação de
S. Spina, "A lírica trovadoresca", EDUSP, 1996)*